



HISTÓRIAS DE CÁ E DE LÁ: possíveis relações entre os causos do sul de Minas Gerais e a literatura oral italiana

Luís Carlos NEGRI¹

RESUMO

O presente trabalho procura tecer relações entre as histórias orais contadas em uma microrregião do Sul de Minas com as histórias trazidas por imigrantes italianos. O objetivo deste artigo, para além de apresentar resultados, é introduzir uma pesquisa que encontra-se ainda em fase inicial de desenvolvimento. Para isso, apresentaremos outros estudos com os quais possamos dialogar, e teceremos relações e discussões que possam nos impulsionar nos desdobramentos seguintes.

Palavras-chave: imigração italiana; história oral; patrimônio cultural;

1. INTRODUÇÃO

¹ Autor. Professor, Chefe do Setor de Cultura e Arte e Coordenador do Projeto ITA-LICA (Língua, Cultura e Arte Italiana) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG. E-mail: luis.negri@ifsuldeminas.edu.br.

Uma casa simples, de paredes gastas, chão vermelho e telhado por onde passam feixes da luz do sol. Alguns cômodos têm assoalho e pelas frestas da madeira, os olhos curiosos do menino podem ver partes de pequenos tesouros guardados. Na cozinha, paredes e telhados são pretejados pela fumaça do fogão à lenha. Ah, o fogão à lenha! É dali que saíam as comidas maravilhosas que enchiam os olhos e o paladar de todos que se aproximavam. E eram muitas as bocas a alimentar! Mas, o fogão não atraía só pelas comidas, mas também por ser o palco de onde surgiam histórias fantásticas. Ao cair da noite, enquanto a mãe preparava a comilança, o menino pegava um pequeno banco de madeira, que teria sido construído por seu *nonno*², e se colocava sobre a taipa quente do fogão. Ouidos atentos e olhar fixo nas chamas amarelo-avermelhadas das labaredas que subiam, iam surgindo aos poucos seres fantásticos e histórias que teriam sido vivenciadas pelos protagonistas ou por seus conhecidos. Os protagonistas são os membros dessa família que ora apresentamos: uma grande e tradicional família de descendência italiana, moradora da zona rural do município de Jacutinga, no Sul de Minas Gerais, região que aqui optamos por chamar de Pés de Minas³. A família é constituída de doze filhos, além dos genitores, e foi no seio deste lar e embebido dos causos que ouvia desde muito pequeno, que o menino tomou gosto por ouvir e contar estas histórias fantásticas. Sentado à beira do fogão de lenha, ouvia boquiaberto as histórias de assombração que magistralmente eram contadas, em um ambiente que colaborava para essa apreensão, pois conforme a noite ia caindo, as personagens iam aumentando, e criando, ao redor, uma mistura perfeita entre o real e o imaginário. Qualquer barulho que se ouvia lá fora fazia com que seu corpo todo se arrepiasse. Medo? Curiosidade? Crença? Paixão! Isso... Crescia, aos poucos, no coração do menino uma paixão pelo tema, que o leva a pesquisá-lo e a escrever essas páginas hoje. O menino cresceu, mas continua a pulsar constantemente, cheio de vida e vontades, e é o que o move pelas páginas desse artigo-vivência.

O que move este estudo é uma soma de todo o percurso de vida do autor, mas ele pôde ser fundamentado durante o Mestrado em Artes da Cena na Universidade

² Nonno – do italiano, avô.

³ A expressão, adotada na pesquisa, e que será usada ao longo do trabalho foi retirada da Música “Pas banda dus Pé di Minas” de Alex Duarte. A expressão vem caracterizar a região da pesquisa, situada no extremo sul do Estado de Minas Gerais.

Estadual de Campinas (UNICAMP), finalizado no ano de 2015⁴. O foco da pesquisa foi o processo de transcrição cênica feito a partir de causos levantados em algumas comunidades do Sul de Minas Gerais.

Esta região, aqui chamada de Pés de Minas, compreende um circuito turístico chamado de Circuito das Malhas, e engloba as cidades de Jacutinga, Ouro Fino, Monte Sião, Inconfidentes, Borda da Mata e Bueno Brandão, todas localizadas no extremo sul do estado de Minas Gerais. As cidades que compõem este circuito foram formadas principalmente por famílias de imigrantes vindos da Itália que trouxeram consigo fortes tradições, tais como a deliciosa culinária, a música, a dança e um grande acervo de histórias orais, num precioso processo de interculturalidade⁵. Essa tradição oral, ao se misturar com as histórias fantásticas da cultura local, transformou-se num precioso acervo transmitido de geração a geração. Hoje, a região passou da subsistência rural para uma forte indústria têxtil, daí seu título de Circuito das Malhas.

Dessa pesquisa, resultou um estudo bibliográfico sobre o universo dos causos, um levantamento de possíveis locais e contadores, um acervo de causos coletados tanto por vídeo quanto por escrito, um breve estudo e análise do material, e, por fim, um processo cênico dentro do Grupo de Teatro Arte Federal, um projeto de extensão do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes, à partir do processo de transcrição cênica.

Daqui, surge a vontade de aprofundar um pouco mais a pesquisa, procurando, agora, tecer relações entre as histórias orais contadas aqui na região com as histórias trazidas por imigrantes italianos. Assim, procuraremos introduzir uma pesquisa alicerçada sobre as seguintes questões: Há relações entre as histórias orais (causos) contados aqui no sul de Minas com a literatura oral contada por italianos? Será possível identificar essas relações? O que os estudiosos dissertam sobre o assunto?

É importante destacar que o objetivo deste artigo, para além de apresentar resultados, é introduzir uma pesquisa que encontra-se ainda em fase inicial de desenvolvimento. Para isso, apresentaremos outros estudos com os quais possamos

⁴ NEGRI, Luís Carlos. Causos dos Pés de Minas: registros, estudos e transcrição cênica de uma prática popular. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Artes, Campinas, SP: 2015.

⁵ Entende-se por interculturalidade a interação entre duas ou mais culturas (FLEURI, 2003), no caso ao que o texto se refere, à cultura dos imigrantes italianos com a brasileira.

dialogar, e teceremos relações e discussões que possam nos impulsionar nos desdobramentos seguintes.

2. DESENVOLVIMENTO

O ato de contar histórias faz parte da história da humanidade. Desde os primórdios o ser humano quer passar adiante as suas vivências, o seu cotidiano, os seus conhecimentos. Quer deixar registrado seu modo de vida e suas crenças para as gerações que se seguirão, seja gravado nas paredes das cavernas ou espalhado pelos ares pelas suas vozes.

Citânias e castros, estações arqueológicas, darão possibilidades a eruditos para discussões gostosas e longas, sonhos, planos, esquemas sobre a existência social do passado escuro. Mas ninguém pode ter uma impressão do que falava aos filhos e à companheira, o homem que riscou as renas, os mamutes, as estrelas toscas e a cara do sol nas pedras da gruta em que vivia. Ele, como o nosso aldeão, depois de comer, falava... Essa fala era, inquestionavelmente, correspondente à poranduba dos indígenas tupis no Brasil, crônica dos atos do dia, caça, pesca, vantagens, exageros, mentiras para excitar o heroico, episódios valentes, gestos felizes quando um urso ia chegando e quase o mastiga. (CASCUDO, 1978, p. 169)

O ato de contar histórias, ou seja, a prática da literatura oral é inerente ao ser humano desde a sua origem mais remota. Essa prática é movimentada pelo exercício da contação que vem perpetuando de geração em geração, e sua origem não remonta a uma data específica, até porque o patrimônio de cada história contada nunca pertence ao contador, mas sempre refere-se a outrem que habita em tempos remotos. Assim, é fato que o acervo oral do Brasil é fruto da miscigenação de povos que por aqui passaram e de suas histórias. Nesse sentido, se a região central de nossa pesquisa, esta pequena fração de terras sul mineiras, recebe forte influência da imigração italiana, podemos afirmar que com o seu acervo oral não poderia ser diferente.

Essa literatura foi crescendo e veio, de onda em onda, até o vagalhão em tempos Mouros. Tudo se juntou, misturou, coloriu. Vinham elementos locais,

gregos, cartagineses, romanos, álamos, visigodos, vinte, trinta tintas para a mesma paleta. (CASCUDO, 1978, p. 169)

Assim, podemos perceber que a literatura oral é sustentada e propagada pela tradição. Eis, aqui, um ponto de convergência entre a contação de causos nos Pés de Minas e as histórias orais italianas, pois sabemos que a manutenção das tradições foi algo muito importante para os povos que aqui chegaram vindos da Itália. Os emigrantes traziam em suas bagagens, além das roupas e mantimentos, um enorme acervo de contos e histórias populares, que os ajudariam a fincar aqui nesse novo território as suas raízes tradicionais.

Luís da Câmara Cascudo é um importante pesquisador dedicado à história, etnografia e folclore. Sua vasta obra é uma profunda lição de apego às raízes tradicionais do Brasil, que ele expõe e analisa em função da história, dos costumes, dos mitos, das lendas, do pensar do povo. Dentre sua produção bibliográfica, temos: *Literatura oral no Brasil*, *Lendas brasileiras*, *Antologia do folclore brasileiro*, *Contos tradicionais do Brasil*, *Dicionário do folclore brasileiro*, *Geografia dos mitos brasileiros*, *Viajando o sertão*, dentre outros. Em *Literatura oral no Brasil*, Cascudo faz um estudo sobre a literatura oral de nosso país, suas fontes, o folclórico e o popular, seus elementos e temas. Ao falar de oralidade, do exercício da contação, Cascudo desponta como um grande nome, que pesquisou todo o processo em si. Ao introduzir o livro, ele nos diz: “Todos sabiam contar histórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma história” (CASCUDO, 1978, p. 13).

Podemos identificar nessa fala de Cascudo mais uma relação entre a narrativa brasileira e a italiana: o famoso “falar com as mãos” italiano? Sabemos que toda generalização pode ser excludente, limitante e falha. Mas, é fato que o povo italiano é conhecido por essa ação de comunicar-se por meio de expressões e gestos que acompanham a fala. Essa característica permanece viva nas famílias de descendentes italianos no Brasil. E, como não poderia ser diferente, afeta o modo de contar causos presente nas gerações originadas de famílias italianas, e marca aí mais um ponto de convergência nessa prática oral. Segundo artigo publicado na Revista Veja (2016):

Em entrevista à agência ANSA, o especialista em linguagem corporal Paulo Sérgio de Camargo afirmou que não há uma explicação científica comprovada para tal fenômeno, mas que uma das teorias é que “os italianos tendem a ser mais extrovertidos, mais comunicativos, e pessoas assim fazem mais gestos, falam mais com as mãos e com o corpo”.

O artigo aponta ainda possíveis relações com o período do Império Romano em que possíveis ouvintes de grandes oradores do Império passavam a imitá-los, e ainda uma relação com o comércio marítimo, visto que a Itália possuía um posto estratégico de comércio pelo Mar Mediterrâneo, e a dificuldade de entendimento por conta das barreiras linguísticas estimulou a comunicação gestual.

Cascudo aponta ainda, em seus estudos, para a universalidade da literatura oral europeia que chega ao Brasil:

A base comum dos contos tradicionais europeus denuncia essa interdependência. A comunicação psicológica ininterrupta explica como as histórias mais sabidas e presentes nas regiões diversas de Portugal são as igualmente populares e queridas no resto da Europa. (CASCUDO, 1978, 177)

O autor nos expõe elementos nas histórias contadas por aqui que repetem elementos das histórias contadas por lá. Um desses aspectos é a religiosidade, que mesmo adaptando-se ao seu novo habitat acaba por manter um ambiente de sua origem europeia. Como exemplo, tomemos um dos casos mais conhecidos e recontados em terras do Sul de Minas: o caso do Lobisomem. Primeiramente, é preciso esclarecer que esta história não é exclusiva da região da pesquisa, mas é comum a todo o território brasileiro, e em cada lugar ganha aspectos e particularidades próprias.

Seguem algumas versões desse caso contadas por aqui, recolhidas durante a pesquisa de mestrado:

TIA LÚCIA: (...) É gente que vira lobisomi! O pai contava que tinha um homi, lá onde eles morava... que eles cismaro que ele era lobisomi... então assim: “Vamo convidá ele pra jogá truque (truco) e meia-noite ele vira” – numa sexta-feira – “Vamo convidá ele pra jogá truque e nós fica jogano truque até meia-noite, vamo vê se ele vira!”. Quando diz que deu meia-noite o homi diz que ficô meio ispantado, e virava pra cá e virava pra lá, queria saí né. Eles trancaro as porta tudo! (...) Daqui um pouco entrô embaixo da mesa “bra lá bra lá” (imita

os sons). Daí eles abriro a porta e ele ó... (faz gestos) correu! O pai contava sempre pra nós! Meia-noite! Meia-noite certinho. (...) Se a gente vê o lobisomi e falá assim: “Vai lá buscá um pouco de sar (sal) lá em casa amanhã!” – Diz que a gente conhece quem que é! Todo mundo falava isso tamém! A Nona lá, eles contava assim! É só falar pra ele: “Vem buscá um pouco de sar amanhã aqui viu?” – Ele vem buscá, aí conhecia que era o lobisomi... que era o homi que virava.

CREUZA: Porque será que vira? Será que é porque a pessoa é ruim?

TIA LÚCIA: Num sei, num sei... Acho que é porque é ruim.

MARIA CUNHA: Eu vi lá, quando nós morava lá no Zé Grassi. Tava tudo dormino. Foram tudo dormí, né, o pai e a mãe, tudo na cama. E eu fiquei lá quentano o fogo. Depois eu escutei assim na porta... na janela da cozinha, do quarto... na janela da cozinha assim... pra fora assim... “lepe, lepe, lepe, lepe...” – lambeno. Eu falei: “O que será que tem aqui?”. Eu abri a janela – “Nossa Senhora!” - Aquele coisa preto, dessa artura (faz com a mão). Tava lembeno a lavage que a mãe jogava lá. (...) De noite. Tarde da noite!

Ao expor os aspectos do mito do lobisomem, Cascudo tece comparações com outras histórias contadas em diversos lugares do mundo com aquela contada aqui no Brasil. Por aqui, o mito gira em torno de um homem, geralmente magro, pálido, que carrega esse fardo de tornar-se lobisomem nas noites de lua cheia, seja para pagar algum pecado ou simplesmente por ter nascido depois de uma série de sete filhas mulheres. Este ser, sempre antropozoomorfo, metade homem e metade lobo, pode ter suas características e ações mutáveis de acordo com as regiões onde a história se conta: suas transformações iniciam-se na adolescência, geralmente aos treze anos, e daí por diante às sextas-feiras de lua cheia (ou às terças e sextas-feiras, conforme outras versões) à meia-noite (ou de meia noite às duas da manhã) ele deve cumprir algumas ações. Estas ações também são variáveis de acordo com os lugares onde se conta, mas geralmente o lobisomem precisa visitar alguns lugares: “sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro onde readquire a forma humana” (CASCUDO, 1978, 184). As formas de desencanto também se assemelham, apesar de variáveis: por aqui, ouvimos que se a pessoa que o vir gritar bem forte “Nossa Senhora!” por três vezes, consegue espantar o ser; e caso consiga feri-lo mortalmente, o ser assume a forma humana; além da forma de reconhecimento mandando-o buscar sal no dia seguinte, conforme contado no relato, anteriormente. Cascudo, por sua vez, fala das seguintes formas de desencanto: “Diga-se três vezes ‘Ave Maria’ que ele dará um grande estoiro, rebentando e sumindo-se”. E ainda: “Quem ferir o lobisomem quebra-lhe o fado: mas que não se suje no sangue, de outro modo herdará a triste sorte” (CASCUDO, 1978, 184).

Um aspecto trazido por Cascudo que nos chama muito a atenção remonta o mito do lobisomem a uma prática religiosa italiana:

Os sacerdotes do Sorano sabino, nos bosques da Itália primitiva que nós visitamos, vestiam-se com as peles do lobo, animal do deus: a imagem confunde-se com o objeto na imaginação infantil, o sacerdote com o deus, a profissão com o fato. Porventura, o mito nasceu do rito, assim como da crença veio a enfermidade. (CASCUDO, 1978, 183)

Outro autor de destaque ao abordarmos o assunto histórias e narrativas é Ítalo Calvino, que dedicou grande parte da sua vida ao estudo e coleta de narrativas orais italianas e de outros países. Sua pesquisa lhe rendeu obras que são consagradas no universo literário mundial, tais como: *O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957), *O cavaleiro inexistente* (1959), *O castelo dos destinos cruzados* (1969); *As cidades invisíveis* (1972); *Contos fantásticos do século XIX* (1983); *Fábulas italianas* (1956); *Perde quem fica zangado primeiro* (1954); *Sobre o conto de fadas* (1999); *Relatos do fantástico* (2010); *Sobre o fantástico* (2015); *Definições do território do fantástico* (2006). Sobre este autor, nos fala Helen Cristina Alves Rocha em seu artigo *O conto: Fábulas italianas e a memória*:

Percebemos, portanto, a relação de Italo Calvino com a literatura infantil, os contos populares, os romances, enfim, com textos essencialmente imbricados, ao mesmo tempo, de imaginação e realidade. Por isso, neste artigo pretendemos analisar a relação de *Fábulas italianas*, contos populares, com a memória, haja vista que Calvino fez todo um trabalho voltado para a tradução de contos italianos de variados dialetos e, sendo assim, observamos que as pessoas que contavam essas fábulas as consideravam testemunhos verdadeiros. São narrativas que, mesmo sendo modificadas pela transcrição desse autor, foram extraídas “da boca do povo”, ou seja, do que fazia parte de suas recordações, de suas infâncias, de seu passado e do grupo social ao qual pertenciam, mesmo porque um indivíduo isolado não forma lembranças, mas precisa do apoio dos testemunhos de outros para sustentá-las. (ROCHA, 2019, p. 158)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das reflexões tecidas anteriormente, originadas por meio do diálogo com autores e pesquisadores do tema, percebemos a importante relação entre as narrativas orais e a memória de seu povo. Pensar a memória, ou o lugar da memória, é pensar o corpo. Afinal, o corpo é formado por memória. Mais: o corpo é memória. Esse corpo-memória vai além de uma simples casca que envolve os órgãos. O corpo se arranja no estar em vida. É fluxo.

Preferimos pensar o corpo como o lugar do encontro, das relações. Meu Eu-Corpo faz-se através das relações que cria, seja nas suas proximidades ou em suas expansões. Ele se relaciona consigo mesmo e com seus próximos, mas também com o outro e com o universo que o rodeia. Assim, meu corpo já não se define mais pela identidade (ser), mas pelas relações (afeto). Ampliamos o lugar do corpo. Aqui, o conhecimento só acontece a partir do momento que experimento, me abro para vivências, para afetar e ser afetado. E esse campo de experimentações acontece o tempo todo, passiva ou ativamente. Falar de corpo é falar de experiências e assim, falar de encontros. Da mesma forma, falar de memória é falar de corpo, pois o corpo é formado também pelas suas lembranças, intelecções e emoções.

Ao voltarmos o nosso olhar para a História da Imigração Italiana no Brasil vemos seres que gravaram em seus corpos memórias de luta e de sofrimento. É possível percebermos que não foi fácil para esse povo abandonar as suas terras, as suas origens, para ingressar em um novo país: novos costumes, novas práticas, nova língua. Tudo isso só poderia acontecer por conta do contexto enfrentado por esses seres em suas próprias terras, como podemos observar nas falas de NICOLI et al.:

(...) várias foram as razões para que os italianos deixassem sua terra, entre elas a situação em que se encontrava o país depois de um longo período de lutas pela unificação. Com o fim destas guerras, a economia da Itália estava debilitada, além dos problemas de alta taxa demográfica e desemprego, e com uma população rural empobrecida e com dificuldades de sobreviver nas pequenas propriedades que possuíam ou trabalhavam. (2013, p. 377)

Fernanda Montenegro, em seu livro de memórias, descreve de forma bastante exata e poética a chegada de seus antepassados italianos ao Brasil e exemplifica também a luta desse povo imigrante:

Minha avó tinha dezesseis anos quando a família deixou aquela terra. Viajaram primeiro para o porto de Gênova, onde embarcaram. Minha bisavó se chamava Rosa, mas, dadas a desimportância social e a desumanidade dessa imigração oficial, na administração de Juiz de Fora foi registrada como Joana. Estava grávida. O navio era uma embarcação absolutamente precária. Parava em alto-mar para reparos a cada dois ou três dias. Jogava tanto que em várias ocasiões eles achavam que iam afundar – o medo não era exagerado. Na viagem de volta o navio foi a pique. A travessia do Atlântico levou 35 dias. Os homens de um lado, as mulheres de outro. Nenhuma limpeza. Uma miséria louca. Chegaram cobertos de feridas, de piolhos, de sarna. Semimortos de cansaço e de doenças, os oitocentos imigrantes foram embarcados para Minas Gerais em trens de transporte e carga de gado, como aqueles que levavam prisioneiros para os campos de concentração, na Alemanha de Hitler. Jogados pelo chão, com suas trouxas, em vagões sem janelas, sufocados, foram parar num centro oficial de distribuição de imigração em Juiz de Fora. Essa distribuição dos imigrantes para as fazendas se definia pelo nome do chefe da família. Uma das irmãs de vovó, tia Cristina, já era casada e tinha um filhinho. Seu sobrenome não era mais Pinna, e sim Ledda. Por isso, foi separada do seu grupo familiar. Os Pinna seguiram para uma fazenda e tia Cristina, com o marido e o filho, foram mandadas para outra propriedade. Não há palavras para descrever o desespero, o pânico causado por essa separação. Estavam esgotados, famintos, apavorados. Não falavam a língua, estranhavam a comida – minha avó dizia que elas lavavam exaustivamente o feijão-preto, na tentativa de deixá-lo branco, que era o feijão que eles conheciam. (MONTENEGRO, 2019, p. 13-14)

Dessa forma, ao identificarmos os agentes desse estudo como pessoas com uma grande carga de vida, uma bagagem histórico-cultural preciosa, uma memória vasta e extremamente rica, temos a certeza da importância da pesquisa. Afinal, estes seres foram escrevendo ao longo de seu percurso, capítulos de uma história tecida por alegrias, tristezas, angústias, sucessos, fracassos, ou seja, diversas experiências interessantes temperadas por inúmeros acontecimentos desenrolados dentro do tempo. Mas, algumas dessas páginas foram sendo apagadas, seja da mente desses protagonistas, como fluxo natural da vida, ou pela falta de quem perpetuasse essas histórias orais, muitas vezes por desinteresse na própria continuidade. Daí a importância do estudo, do diálogo com os descendentes dessas famílias, do retorno às memórias destas pessoas, uma vez que a história de vida de cada um torna-se um importante patrimônio imaterial de nossa sociedade.

Mas a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos (THOMPSON, 2002, p. 16).

Bourdieu nos lembra que:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história (BOURDIEU, 1996, p. 183).

No passado, encontrar famílias reunidas contando histórias era um evento normal, mas nos nossos dias o diálogo vem se perdendo cada vez mais. Sabemos que os tempos mudam e que a história se recicla a cada dia, mas atualmente estamos presenciando a formação de uma sociedade que esquece sua história.

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta. (...) A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam. (BOSI, 1994, p. 84-85).

Assim, podemos concluir que muitas relações podem ser tecidas entre a oralidade presente aqui na microrregião que chamamos de Pés de Minas e a região italiana de onde originaram-se os agentes da imigração. Tanto os estudiosos quanto as nossas reflexões apontam para essas relações, e mais, nos alertam para a importância da manutenção dessa prática como fonte valiosa de nosso patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1978.

DA REDAÇÃO. Porque os italianos falam com as mãos? **Revista Veja**, 27 fev. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/por-que-os-italianos-falam-com-as-maos/>>. Acesso em: 17 ago. 2020 às 10h09.

MONTENEGRO, Fernanda. **Prólogo, ato, epílogo: memórias**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NICOLI, Sandra; GENOVEZ, Patrícia Falco; SIQUEIRA, Sueli. Migração, Memória e Território: os descendentes de imigrantes italianos na microrregião de Aimorés/MG. **História & Perspectivas**, Uberlândia, Brasil. v. 26, n. 49, p. 371-406, jul./dez. 2013.

ROCHA, Helen Cristine Alves. O conto: Fábulas italianas e a memória. **Literartes – Contos de fadas: tradição literária, transmidialidade, teoria e crítica**. Coord.: Maria Zilda da Cunha, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil. v. 1, n. 11, p. 155-178, 2019.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **Revista História Oral**, v. 5, p. 9-28, Belo Horizonte: 2002.